CARTOGRAFIAS DA ADOLESCÊNCIA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

CARTOGRAPHS OF ADOLESCENCE IN PSYCHOLOGICAL ON DUTY

DOI: <https://doi.org/10.22388/2525-5894.2018.0054>

Severina M. S. Araújo - Aluna do curso de psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: sevemaria2000@gmail.com

Luciene de Fátima Rocinholi - Professora Adjunta do Departamento de Psicologia do Instituto de Educação - Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro. E-mail: lurocinholi@gmail.com

Dados da Monografia de conclusão do curso de graduação em Psicologia de Severina M S Araújo - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Esta pesquisa faz parte de um projeto intitulado “Estar no mundo: O adolescente em foco” aprovado pela Comissão de Ética na Pesquisa da UFRRJ/CEP sob o nº 23083.003490/2018-66

Resumo

A adolescência é um período de inúmeras mudanças que acontecem de modo rápido e breve. Neste período, modificações em aspectos psicológicos e sociais requerem enfrentamentos diversos, que podem ser acompanhados em locais de convívio do adolescente, como a escola. O plantão psicológico constitui-se em uma estratégia interventiva para promoção de saúde, ofertado aos indivíduos em suas urgências. O objetivo deste estudo foi compartilhar a experiência da cartografia no plantão psicológico no contexto escolar, oferecido a adolescentes na abordagem esquizoanalítica / transdisciplinar. Utilizamos o método cartográfico para acompanhar a processualidade da adolescência em suas singularidades. Habitamos o território escolar construindo o "setting" terapêutico nos espaços da escola, com duas cadeiras e um cartaz escrito: “Estou aqui para conversar com você”. Os atendimentos foram em grupos ou individual. Um diário de bordo foi confeccionado para narrar as experiências e afetos nos encontros. As narrativas revelaram dificuldades que ultrapassavam questões de ordem acadêmica, e outras experimentadas nas escolhas e no meio social. Permitiram identificar formas de enfrentamento da vida diante das exigências da adolescência, bem como, atitudes extremas de desamparo, como automutilação e tentativas de suicídio. A experiência adquirida levou-nos a reflexões sobre a ética e o cuidado na atuação com adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência; Clínica transdisciplinar; Cartografia; Plantão psicológico; Escola.

Abstract

Adolescence is a period of innumerable changes that happen quickly and brief. In this period, changes in psychological and social aspects require diverse confrontations, which can be followed in places where adolescents live, such as school. The psychological on duty is an intervention strategy for health promotion, offered to individuals in their emergencies. The objective of this study was to share the experience of cartography in the psychological field in the school context, offered to adolescents in the schizoanalytic/transdisciplinary approach. We used the cartographic method to follow the process of adolescence in its singularities. We inhabit the school territory by building the therapeutic setting in the school spaces, with two chairs and a sign written: "I'm here to talk to you." The appointments were in groups or individual. An on-board diary was written to tell the experiences and affections in the meetings. The narratives revealed difficulties that went beyond academic questions, and others experienced in the choices and the social environment. They allowed us to identify ways of coping with the demands of adolescence, as well as extreme attitudes of helplessness such as self-mutilation and suicide attempts. Our experience has led us to reflect on ethics and care in adolescence.

Key-words: Adolescence; Transdisciplinary clinic; Cartography; Psychological on duty; School.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de inúmeras mudanças que acontecem de modo rápido e breve para os indivíduos. Estes precisam se tornar outros, reconhecendo um novo corpo e novas formas de se relacionar. Na expressão da singularidade, há uma multiplicidade de fatores que podem afligir os adolescentes, que são expostos a situações totalmente diferentes da infância, como por exemplo: preparação profissional, independência econômica, sexualidade, valoração da vida, definição de quem ele é, qual o seu lugar no mundo e os novos relacionamentos extrafamiliares. Obviamente, a emoção está implicada nessa fase de vida como nunca, tornando os adolescentes vulneráveis diante de conflitos e decepções (CAMPOS, 2012).

A família enquanto referencial para o adolescente é o lugar de proteção, de aprender a relação com o outro e de construir sua autonomia. A incompetência do núcleo doméstico afeta a crença em novas possibilidades (ROCHA, 2002) e a confrontação com os pais e com as figuras de autoridade neste período, os leva a identificação com seus pares (PINTO, 2003), por se encontrarem no mesmo momento de elaboração de conflitos e expressão de subjetividade. Com Deleuze, (2012, ps. 135,136), compreendemos que a “subjetividade é um processo, e é preciso fazer o inventário dos diversos momentos desse processo”.

Desta forma, para acompanhar esses processos, que se dão em movimento, em um ser sempre inacabado, se faz necessário um dispositivo capaz de captar o objeto em seu curso, inserido num método a ser praticado, não pré-estabelecido, que seja habilitado a acompanhar movimentos subjetivos e de territórios (KASTRUP; BARROS, 2009).

Apresentado como dispositivo e associado ao método cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1976), o plantão psicológico nos permite mergulhar no plano da experiência e acompanhar os processos e territórios do adolescente no ambiente escolar. Trata-se de um dispositivo que visa promover saúde, pois a escuta, sem julgamentos e empática, estabelecida entre o psicólogo e o cliente, facilita expressar a urgência e recuperar a potência daquele que a procura (TASSINARI, 2009).

O atendimento através do plantão psicológico rompe com a forma tradicional de atendimento psicoterapêutico em várias sessões, e acolhe a pessoa que o procura voluntariamente, no momento em que ela mesma reconhece-o como importante, abrigo qualquer um no momento de sua ânsia (TASSINARI, 2013). Constitui-se em um espaço privilegiado de atenção psicológica profilática para a adolescência, ou seja, um trabalho de prevenção, evitando assim o aumento de ansiedades e outros males (TASSINARI, 2009).

Na prática do plantão psicológico compreendemos a pertinência do método cartográfico. A cartografia é um método de investigação que considera o conhecimento como um processo de construção coletiva, buscando traçar um plano comum que envolve pesquisadores e pesquisados, com seus territórios e suas semióticas singulares. Com este método, busca-se acessar o plano comum e construir o mundo comum e heterogêneo, considerando que o ato de conhecer é criador da realidade (KASTRUP e PASSOS, 2013).

Ao criar realidades no ato do conhecimento intervimos sobre a realidade e a transformamos para conhecê-la, ou seja, só podemos conhecer uma realidade nos colocando nela, e ao nos colocarmos a transformamos, já que a realidade se apresenta outra quando estamos neste plano comum. "Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poiesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar do seu processo de construção" (KASTRUP e PASSOS, 2013).

A abordagem esquizoanalítica ou transdisciplinar guarda em comum com o plantão psicológico um atendimento que se faz no encontro, num plano de forças múltiplas atuantes. Guattari (1981, p.139) propõe algumas regras simples para o exercício da esquizoanálise, entre elas: "não atrapalhar" - evitar os atendimentos em série propostos como processo para uma cura; ver o acontecimento por ele mesmo, e não se colocar como se tivesse um conhecimento privilegiado do inconsciente, já que o inconsciente é produtor por si mesmo e não precisa de alguém que o interprete, ele se revela no acontecimento.

Na clínica transdisciplinar (PASSOS e BARROS, 2009) bem como na pesquisa cartográfica (PAULON E ROMAGNOLI, 2010) cabe ao clínico/pesquisador tanto criar elementos de passagem de um território a outro, como também, ser ele mesmo o elemento. O território representa as apropriações do indivíduo, revela a subjetivação fechada sobre si mesmo. É o conjunto de projetos e representações que vão direcionar os comportamentos e esforços do sujeito na sociedade (GUATTARI; ROLNIK, 2013). Assim, as enunciações geradas em novos territórios pela ressonância dos signos que se atravessam produzem outros agenciamentos.

Nesta perspectiva, o que se espera é potencializar a vida, a partir de novos agenciamentos estabelecidos pelos variados campos do saber, inventando planos de consistência provisórios, planos do comum ou da multidão. Busca-se estratégias para potencializar o pensamento adequado, que é aquele que toma o ponto de vista da potência (RAUTER, 2015). Nela compreendemos que as histórias dos pacientes seriam conectadas entre si, conectadas por aquelas introduzidas pelo clínico e ainda interfacetadas a outros regimes de signos que permitiriam desconexões para deixar fluir devires (PASSOS e BARROS, 2009).

O plano do devir consiste em outro aspecto importante desta perspectiva, uma vez que revela a pertinência em usufruir deste conjunto teórico para o atendimento no plantão psicológico. Trata-se de um plano instável no qual o clínico dá passagem para fazer emergir os processos de subjetivação molares e moleculares, que possibilitam a singularização. A proposta é provocar movimentos de desterritorialização e o surgimento de novos territórios (CORREIA, 2006). Nesta constituição de planos, clínico e cliente (sujeito e objeto) rompem as dicotomias em primazia das relações em um plano comum e heterogêneo (PAULON; ROMAGNOLI, 2010).

Assim, nosso objetivo foi compartilhar a experiência da cartografia no plantão psicológico no contexto escolar, oferecido a adolescentes na abordagem esquizoanalítica/ transdisciplinar.

METODOLOGIA

Nossa experiência se deu no estágio supervisionado em Psicologia no Colégio Técnico da Universidade Rural do Rio de Janeiro (CTUR), no qual utilizamos o método cartográfico para acompanhar a processualidade da adolescência em suas singularidades.

Nesta escola, em meio as exigências acadêmicas, os adolescentes nos procuravam para falar sobre as questões da escola e também de suas vidas fora dela, ou seja, identificamos ali que havia uma demanda para falarem de si.

Diante desta demanda, classificada por eles como urgente, consideramos a possibilidade de realizar o Plantão Psicológico na escola inspirados na performance de Eleonora Fabião (2008). Habitamos o território escolar dos adolescentes construindo o "setting" terapêutico, nos espaços sociais da escola, com duas cadeiras e um cartaz escrito: "Estou aqui para conversar com você". Assim que alguém se sentava, fechávamos o cartaz, como um indicativo de que nos voltamos inteiramente para aquela pessoa. Colocávamos a cadeira vazia numa posição que ofertasse maior privacidade àquele que fosse se sentar. O "setting", assim organizado para a oferta do plantão, possibilitou o atendimento aos adolescentes, que ao identificarem o serviço, viram uma oportunidade de serem ouvidos, de falarem sobre as questões no momento que os afligiam.

Em alguns atendimentos, percebendo haver constrangimento das pessoas em se sentarem na cadeira vazia em um local aberto, oferecíamos sair andando pela área social, à semelhança da clínica peripatética (LANCETTI, 2014). Alguns raros atendimentos individuais ou em grupos aconteceram, a pedido dos adolescentes, na sala designada para grupos e vivências da psicologia, na escola.

O plantão se apresentou nômade, pois a cada dia era realizado em um lugar diferente na área comum da escola, assim ocupamos os lugares de passagem que se tornaram marcados pela repetição. No plantão psicológico os adolescentes foram recebidos individualmente ou em grupos, alguns foram levados por outros que já haviam sido atendidos e conduziam seus amigos para que também recebessem atendimento. O "modus operandi" facilitou o atendimento imediato à necessidade de cada pessoa. O tempo de cada atendimento foi estabelecido pelos clientes de acordo com suas disponibilidades.

Os atendimentos se iniciavam com a apresentação pessoal do plantonista, como um modo de "quebrar o gelo", ou seja, um meio de deixar o cliente mais à vontade e ofertar a escuta. Com intuito de avaliar a procura pelo serviço e planejarmos outros modos de cuidado na escola, foi preenchida uma ficha do cliente, com nome, idade, curso e tempo de atendimento, planejada de acordo com Souza e colaboradores (2015).

Diário de Bordo

Após os encontros, num movimento de recolhimento, retomando as fichas onde anotávamos pontos importantes para um retorno à experiência, mergulhávamos na memória das intensidades, das forças e afetos acionados. A confecção do diário de bordo nos proporcionava um mergulho no passado, presente que afetava o futuro. A narração das experiências, a retomada do diálogo desvendava os territórios existenciais, facilitava as supervisões e o aprendizado da teoria, como também uma transformação interna para a formação de um profissional ético e comprometido com o ser humano.

As anotações cartográficas se constituem de relatos que contém as impressões que emergem do encontro, não se trata de interpretações, e sim de uma descrição da intensidade do acontecimento, que vão para além de informações objetivas, e registro daquilo que se julga importante. A elaboração do diário de bordo requer um retorno à experiência, é o momento em que se escreve o que ficou na memória do cartógrafo, ainda que o relato seja individual, do cartógrafo apenas, faz emergir o coletivo quando narra os diálogos, paisagens e sentidos da experiência (BARROS; KASTRUP, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cartografias da adolescência no plantão psicológico – relatos e produção coletiva

Encontro com L: uma adolescente ansiosa após realizar uma prova:

Quando cheguei a Seropédica estava chovendo. Por um instante pensei: não vai dá! Mas logo, retomei o ânimo e busquei uma varanda, um lugar coberto.

Às 09:30 horas olhei no relógio, e quando levantei os olhos vários adolescentes caminhavam pela varanda, coloquei o cartaz numa posição que eles pudessem ler, e uma menina quase engolindo o cartaz com os olhos, veio em minha direção perguntando: - “Uau! Isso é verdade?” Respondi: - “Sim. Pode se sentar.”

Ela não só se sentou, mas como se estivesse lançando o corpo sobre uma cama, se jogou, ficando numa posição espalhada. Perguntei o nome dela e me apresentei. L me pareceu vir de uma perseguição por um leão, onde ela era a caça.

L: disse: “Puxa! É tudo o que eu precisava! alguém para conversar!”

Perguntei: “O que houve? Você me parece agoniada”

L: “Estou muito ansiosa, acabei de fazer uma prova, e esqueci de fazer uma questão. Cara! Como foi que eu deixei de fazer aquela questão?!”

Perguntei: “Você não sabia a questão?”

L: “Estou muito ansiosa, eu simplesmente esqueci de fazer a questão.”

Perguntei: “Isso pode prejudicar muito sua nota?”

L: “Não, mas não vou tirar dez!”

Questionei: “Era realmente necessário tirar dez nessa prova?”

L: hesitou.

Fiz outra pergunta: “Você é daquelas alunas que tem que tirar dez em todas as disciplinas?”

L: balançou a cabeça afirmando.

Perguntei: “Quem colocou sobre você tal exigência, sua família, amigos ou você mesma? Seus familiares te cobram muito?”

L: “Não. Sou eu mesma, sou muito ansiosa”

Falei: “Sim, dá pra ver.” E balancei a perna como ela (sua perna não parava de se movimentar).

L: riu e disse: “Não consigo parar minhas pernas eu tomo remédio pra ansiedade”

Então eu disse: “A ansiedade muitas vezes não nos permite enxergar uma coisa que está ali, diante dos nossos olhos. Para realizarmos boas provas é necessário estudar com antecedência, não deixar para estudar um dia antes, dormir bem, respirar bem. E ainda assim, o conhecimento que temos não pode ser totalmente avaliado através de uma prova. E depois, quem exige sempre dez, não se alegra com um nove e meio ou com um oito”

Ao ouvir oito L fez uma cara de repugnância, então perguntei: “Entre um oito e um quatro, o que você prefere?”

L: suspirou e disse: “Claro que oito!”

Falei: “Viu que rapidinho você valorizou o oito? A vida não é feita só de dez, para que se cobrar tanto, se ninguém tem o controle de tudo na vida?”

L: respirou fundo, olhou para o relógio e disse: “Preciso voltar para sala de aula. Valeu! Era tudo o que eu precisava! Obrigada!” E demos tchau uma para outra.

Após o atendimento, pareceu-nos que o encontro exigiu um mergulho com quem procurava o plantão, um afetar-se com o outro, sem julgar, sem reforçar diagnóstico, ainda que se tivesse pensado: quem e como foi produzido aquele diagnóstico de ansiedade? Foi possível vislumbrar o fazer na cartografia, que considera que no encontro, sujeito e objeto são afetados, num plano comum e heterogêneo, onde o conhecimento é construído na experiência (KASTRUP; PASSOS, 2013).

No atendimento durante este plantão psicológico foi possível compreender a dupla natureza da cartografia, como pesquisa e intervenção, ao traçar o movimento próprio que anima sujeito e objeto no processo de produção de realidade (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009). Uma nova realidade foi produzida no encontro, revelando potências criadoras num plano comum onde cliente e terapeuta experimentaram a transformação. A processualidade esteve presente em cada palavra, em cada gesto, requerendo uma atitude que não está padronizada, mas que o cartógrafo pôde se permitir inserir-se no acontecimento, aprendendo com os afetos (BARROS; KASTRUP, 2009).

Cartografar exige disponibilidade e atenção (BARROS; KASTRUP, 2009), exige uma atenção sensível, que acompanha movimentos, para perceber o desconhecido, ou seja, a realidade virtual (KASTRUP, 2009). Assim, enquanto ninguém se sentava na cadeira vazia, mantinha total atenção ao ambiente, procurava acompanhar os movimentos e a disponibilidade para o encontro no plantão.

Além desses aspectos, a chuva naquele dia provocou mudanças no plano inicial quanto a localização do "setting" terapêutico. Buscar um lugar diferente do planejado exigiu atenção ao espaço para garantir a proximidade e a privacidade do cliente. Aos poucos, durante o atendimento, parecia que paredes invisíveis nos rodeavam, como se naquele lugar existíssemos apenas nós, cliente e terapeuta. O cartógrafo deve ser sensível e flexível para perceber as exigências da experiência, e deixar-se ser afetado pelo o que lhe for desconhecido (PAULON; ROMAGNOLI, 2010).

O olhar de curiosidade dos jovens, as primeiras impressões deles ao verem o "setting" instalado no pátio da escola, não me constrangeram, pelo contrário me sinalizaram que eu estava no lugar pretendido, intervindo para a desterritorialização, em um movimento de ampliação e produção de novos territórios. A cartografia expõe os diferentes vetores do campo e o pesquisador se torna um vetor de passagem, sua presença produz um movimento de desterritorialização (PAULON; ROMAGNOLI, 2010). Para Deleuze e Guattari (2012), o território se expressa através dos sentidos e expressões e são modos que se estabelecem em constante movimentos de reorganização.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo. Os territórios organizam e integram os seres vivos uns aos outros e aos fluxos cósmicos; exprime relação com um espaço vivido, como também um sistema em que o sujeito se acomoda. É o conjunto de projetos e representações que vão direcionar os comportamentos e esforços do sujeito na sociedade (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Reencontro com L:

Na semana seguinte o plantão ocorreu no mesmo lugar, mas o clima era estável, sem chuvas. Fixei na parede um cartaz escrito: “Plantão Psicológico”, e mantive o cartaz anterior em mãos: “Estou aqui pra conversar com você”.

Logo depois apareceu L, andando tranquilamente, aproximou-se sorrindo e me deu um abraço agradecendo pelo acolhimento naquele dia e disse ter sido muito importante para ela. Falei que ela poderia procurar quando precisasse, e ela se foi, nem parecia a menina agitada da primeira vez. O seu corpo resplandecia tranquilidade, seu andar, parecia uma corsa andando sobre as águas.

Outras vezes na escola, L me cumprimentou com muita simpatia, como se estivesse grata por aquela experiência, porém não mais procurou o atendimento psicológico, mesmo vivenciando outras semanas de provas. Penso que o encontro operou movimentos de desterritorialização que colocaram em ação linhas de fuga, ou processos de decodificação ou deriva, movimentos esses, que na produção de territórios são frequentes (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

O fato de L não ter procurado mais o atendimento psicológico revela também a força do dispositivo plantão psicológico, que opera através do protagonismo do cliente, onde este é quem determina sua procura e o tempo de atendimento. E isto pode não significar solução de problemas, mas pode sim sinalizar que aconteceu o movimento necessário para a continuidade do processo, pois o próprio dispositivo plantão psicológico não tem como objetivo solucionar os problemas dos clientes e nem mesmo o aprofundamento das demandas numa prática tutelar ou psicoterapêutica, mas se propõe como um espaço de cuidado e ressignificações dos conflitos (DANTAS et al., 2016).

Encontro com J.A – homossexualidade e autolesão:

Após organizar o setting do plantão embaixo de algumas árvores, me parecia que não haveria atendimentos naquele dia. Porém, logo alguns adolescentes se aproximaram, duas meninas empurrando um menino, que se sentou na cadeira vazia. Estava ali acontecendo nosso primeiro encontro do dia, que se deu em uma hora e quinze minutos. Naqueles momentos era impossível não se deixar afetar pela história recheada de vivências de preconceitos e demandas de amor.

J.A, dezesseis anos, começou sua fala apresentando-se como homossexual, de pais separados e narrando a rejeição de sua mãe ao descobrir que ele era "gay". J.A não se conformava com esta rejeição, esperava contar com a compreensão da mãe, considerando que sua religião era Umbanda e, segundo sua percepção, não haveria nenhuma intolerância à homossexualidade. Disse, até hoje, ouvir horrores da mãe. Segundo ele, o pai, com quem mora atualmente, no início não aceitou, brigou muito com ele, mas depois se conformou. Não quis aprofundar sobre as brigas com o pai, mas disse já ter "caído na porrada" com ele, “brigas muito feias mesmo”.

J.A - “À medida que tudo isso foi acontecendo eu me vi praticando cortes em mim”.

Em seguida, parou pensativo e disse: “Eu tenho uma baixa autoestima.”

Nesse momento, sem que eu pudesse refletir com ele sobre a autoestima, S, uma das adolescentes que estava com ele, sentada próximo, no banco de tronco de árvore dentro do "setting", juntamente com D (a outra adolescente), disse: “Mostra para ela o seu braço”

Então, J.A apresentou suas amigas e falou que S vivia preocupada com ele, insinuando que o tratava com cuidado maternal. Em seguida, J.A meio sem graça levantou as mangas compridas

de sua camisa, inadequada para o clima do dia, e mostrou uma sucessão de marcas de cortes nos dois antebraços. Próximo aos pulsos havia uma marca mais densa e profunda, aquela imagem foi totalmente impactante e inédita para mim, me vi buscando não demonstrar espanto, confesso que fiquei sem saber o que fazer ou falar naquele momento, e ao mesmo tempo não queria constrangê-lo com meu estranhamento. Timidamente coloquei as minhas mãos como apoio para seus braços e disse: “Vejo que tem umas marcas mais profundas aqui”, e apontei tocando com o dedo.”

J.A: “Foi o dia em que tentei acabar com tudo.”

Num determinado momento ele perguntou: “Por que sou assim?” Com uma expressão de abatimento. E eu lhe falei a respeito da multiplicidade do ser humano, que ser homossexual, heterossexual, bissexual, ou qualquer outro, como ser branco, negro, asiático, índio e etc., são possibilidades do humano. Nessa hora J.A fez uma expressão de quem na realidade queria uma resposta de causa e efeito.

Diante da realidade de gênero o cartógrafo tem um olhar oblíquo, que enxerga a realidade virtual do desejo na sua dimensão molecular, para além das constituições molares de identidade sexuais e de gênero, se coloca na experiência do presente e não na retrospectiva de um passado, busca dar lugar às singularidades (DINIS, 2008). Portanto, a sexualidade é vista como estados intensivos e afetivos, fluxos que operam devires (CORREIA, 2006), as histórias dos pacientes seriam conectadas entre si, conectadas por aquelas introduzidas pelo clínico e ainda interfacetadas a outros regimes de signos que permitiriam desconexões para deixar fluir devires (PASSOS & BARROS, 2009).

É preciso um olhar mais amplo, quando se trata de homossexualidade, atentar para os múltiplos fatores que envolve a sexualidade na sociedade. O desconforto de JA com a reação de seus pais diante da descoberta de sua homossexualidade revela a homofobia familiar e os diversos fatores que a acompanham como a desestabilização, vergonha e culpa (TAQUETTE, 2015). Diante da falta de apoio familiar e social, os adolescentes podem não encontrar linhas de fuga que permitam a expressão de suas singularidades, e assim adoecerem.

A homofobia familiar e social gera muitos danos nessa fase, levando a auto rejeição, ansiedade, depressão e ao suicídio. A autolesão, ato de ferir o corpo propositalmente, é uma prática efetuada em algumas culturas desde os primórdios da humanidade, aparece na contemporaneidade, principalmente no atendimento clínico psicológico a adolescentes, e é considerada pela psiquiatria um transtorno em si mesma e sintoma de outros transtornos (Araújo et al., 2016). A autopunição reflete a incapacidade da pessoa de viver outro modo que não seja o da dor, produzindo ela mesma a manutenção da dor, mediante a processos que anunciam sua inclinação à submissão exacerbada e medo do poder que a aflige (SHAINESS, 1993).

Além do caso de J. A, outros casos de automutilação acompanhados de tentativa de suicídio apareceram nos plantões, o que nos conduziu à busca de mais informações e estratégias para o atendimento. Realizamos a semana de prevenção de suicídio, oficinas foram realizadas com o objetivo de potencializar a vida, como por exemplo a oficina de contação de histórias, onde se alcançou uma adolescente que havia tentado suicídio e ainda relutava com a depressão.

Encontro com M.A – conflitos familiares:

M.A, uma adolescente de 17 anos, chegou ao Plantão Psicológico para seu primeiro atendimento, efetuada em uma hora e vinte e três minutos. Ao se aproximar da cadeira vazia foi logo perguntando: “Aqui, vocês receitam remédios?”

Respondi com outra pergunta: “O que faz você sentir que está precisando de remédios?”

M.A: “Tenho sentido meus pensamentos vagando muito, tenho sentido muita tristeza, mas eu tenho medo de ficar dependente de remédios.”

Após esse início, me apresentei e perguntei seu nome. Expliquei que a psicologia não receitava remédios, porque nem tudo se resolve com remédios, e disse que às vezes tudo que precisamos é viver encarando os sentimentos como naturais, de direito nosso, como ser humano, de sentir e viver, e que falar com alguém que nos ouça sem nos julgar, pode ajudar a analisar melhor o que se passa conosco.

M.A começou a falar da situação que estava vivendo em sua família, da separação dos pais, do ódio que estava sentindo de seu pai. Disse com lágrimas rolando: “Eu odeio meu pai, ele não é mais o mesmo comigo”.

No atendimento de M.A, o cerne consistiu em nos posicionamos para dar passagem aos afetos (CORREIA, 2006), promover o plano clínico comum e heterogêneo, lugar de participação do processo (KASTRUP; PASSOS, 2013), que leva a devires: movimentos que desfazem as essências e significações, para dar lugar a afetos mais intensos, desejos, movimentos de desterritorialização e reterritorialização (DINIS, 2008), sendo um vetor no campo de forças do plano que auxiliasse a adolescente a encontrar linhas de fuga, e libertar o inconsciente produtivo. Para Spinoza (2016) a mente pode sofrer grandes mudanças, a alegria aumenta a perfeição da mente, enquanto que a tristeza rebaixa seu potencial, e então, demos corpo a alegria.

O fator família apareceu na grande maioria dos atendimentos realizados no plantão psicológico. A família é influenciada por todas as forças do campo social (GUALTTARI, 1981), é uma das instituições de manutenção da disciplina e está em crise na transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle (DELEUZE, 2013). A família enquanto referencial para o adolescente é o lugar de proteção, de aprender a relação com o outro e de construir sua autonomia, atuando na potência do ser. A incompetência do núcleo doméstico afeta a crença em novas possibilidades (ROCHA, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia clarificou variáveis em conexão, singularidades e práticas coletivas, e permitiu neste estudo acompanhar a processualidade da adolescência, partindo do plano escolar e identificando saídas múltiplas.

A proposta do plantão psicológico associado a cartografia nos colocou diante do inesperado com a possibilidade de acompanhar o adolescente e facilitar as múltiplas saídas por linhas de fuga sempre inacabadas.

Habitarmos o território escolar gerou um estar no caminho, onde foi possível o acolhimento no momento da emergência de cada um que se sentou na cadeira vazia, e nos proporcionou uma vasta experiência de múltiplos atendimentos que certamente a clínica na sua forma tradicional não nos ofereceria.

Algumas declarações dos adolescentes sobre a importância da intervenção que realizamos, confirmaram que o plantão psicológico se tornou um espaço de saúde e prevenção, como também nos possibilitou certificar a eficácia da atuação da psicologia nas escolas numa abordagem esquizoanalítica/transdisciplinar.

A divulgação dessas experiências, torna público nossa produção e transforma essa pequena exposição do diário de bordo em um dispositivo de análise para aqueles que pretendem acessar processos e territórios da adolescência e deixa para a nossa equipe o desafio de através dessa invenção alcançar novos locais e subjetividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, J. F. B. de et al. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. Estilos clin., São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, ago. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200012&lng=pt&nrm=iso>.
- BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: Orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, pista 3 p. 52 - 75.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia** por Dinah Martin Martins de Souza Campos. 24 ed. Petrópolis, Vozes, 2012. 183 p.
- CORREIA, S. L. **Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade**. 2006. 155 p.: il.; 30 cm. Dissertação (Mestre em Ciências, área de Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - USP, Ribeirão Preto, 2006.
- CORREIA, S. L. Esquizoanálise: clínica e subjetividade. **Avesso do Avesso**. Aracatuba, v.4, n.4, p. 33 -51, nov. 2006.
- DANTAS, J. B. et al. **Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta**. Revista de Psicologia, Fortaleza, v.7, n.1, p.232 – 241, jan./jun., 2016.
- DELEUZE, G. **Post-scriptum – sobre as sociedades de controle**. In: DELEUZE, G. **Conversações**. (1972 – 1990) tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: ed. 34. 2013. p. 223 - 230 (Coleção TRANS).
- DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Ed.34, 2012. 168 p. (Coleção TRANS)
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Acerca do ritornelo**. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.4. Tradução de Suely Rolnik. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34. 2012. Cap. 11.1837, p.121 – 179. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol.1; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Ed. 34, 2011, 2ª ed. 128 p. (Coleção TRANS)
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. s/ed. Rio de Janeiro, Imago, 1976, 514 p.
- DINIS, N. F. A **esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, Jul/Dez. 2008. p. 355 a 361.

ESCÓSSIA, L; TEDESCO, S. **O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica**. In: Orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pista 5 p. 92 - 108.

FABIÃO, E. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Revista Sala Preta, USP, v.8, p. 235 – 246, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373/60355>. Acesso em: 10/jan./2016.

GUATTARI, F e ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUATTARI, F. **Pistas para uma esquizoanálise – os oito princípios**. In: GUATTARI, F. *Revoluções molecular: pulsações políticas do desejo*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981. p. 138 -141.

GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico e a revolução molecular**. In: GUATTARI, F. *Revoluções molecular: pulsações políticas do desejo*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981. p. 165 -172.

KASTRUP, V; PASSOS, E. **Cartografar é traçar um plano comum**. Fractal, Revista de Psicologia, v.25 – n. 2, p. 263 – 280, Maio/Ago. 2013.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: Orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pista 2 p. 32 - 51.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: Orgs. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pista 4, p. 76 – 91.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. 9ª ed. São Paulo: Hucetec, 2014. 127 p. – (Saúde loucura; 20. Série políticas do desejo).

PASSOS, E; BARROS, R. B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: Orgs.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, pista 1, p.17 – 31.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. **Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, 2010; 1(1): 85-102. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>

PINTO, J. M. **Adolescência e escolhas**. Coimbra: Quarteto. 2003.

RAUTER, C. **Clínica transdisciplinar: afirmação da multiplicidade em Deleuze/Spinoza**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, vol.8 n.1, p.45-56. 2015.

ROCHA, M. L. da. **Contexto do adolescente**. In: Coord. CONTINI, M. L. J; KOLLER, S. H. (org.) **Adolescência e psicologia – concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2002. 144 p.; cap. 2, p. 25 -32, parte I.

SHAINESS, N. **Doce sofrimento**. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1984.

SOUZA, S.; SILVA FILHO, F. B. da.; MONTENEGRO, L. A. de A. **Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento**. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. 264 p.

SPINOZA, B. de. (Tradução de Tomaz Tadeu). **Terceira parte: A origem e a natureza dos afetos**. In: SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 2ª ed., 5. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 3ª parte, p.95–152.

TAQUETTE, S. R. **Homossexualidade e adolescência sob a ótica da saúde**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. 252p.

TASSINARI, M. A. Apresentação. In: TASSINARI, M. A.; CORDEIRO, A. P. da S.; DURANGE, W. T. **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 05 - 15.

TASSINARI, M. A. **Plantão psicológico como promoção de saúde**. In: coordenação de BACELLAR, A. A *psicologia humanista na prática: reflexões sobre a prática da abordagem centrada na pessoa*. – Palhoça: Ed. Unisul, 2009. Cap. 9, p. 172 – 189.